

# A consciência de Sêneca sobre sua incoerência ético-moral

Stevan Bernardino Silva

*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

## Resumo

Muito se especulou acerca dos ensinamentos e da conduta de Sêneca, com o intuito de saber se sua prática se harmonizava, de fato, com sua teoria. Na Filosofia, esse processo pode ser entendido por meio da dinâmica entre moral e ética. Baseado nesses conceitos, o objetivo do artigo é analisar, mediante obras filosóficas senequianas, a consciência de Sêneca sobre sua incoerência ético-moral, na tentativa de esclarecer as contradições que acompanhavam sua vida. Como objeto de pesquisa, encontra-se a filosofia estoica de Sêneca, experimentada ao longo da sua vida e registrada em suas obras. No que concerne à metodologia, foram utilizados o método hipotético-dedutivo, o de pesquisa qualitativa e o de fontes de dados e informações. Por fim, como resultados obtidos, observou-se que Sêneca, embora sofresse críticas em relação à filosofia que pregava e o estilo de vida que levava em alguns momentos, teve consciência do dever de se aprimorar para se tornar um pouco mais sábio e virtuoso. Não se acovardou, escondendo-se de seus defeitos; antes, pronunciou-os abertamente para conscientizar, até mesmo aqueles que acreditavam na sua incolumidade em relação ao seu comportamento diante da vida. Portanto, não houve incoerência em sua conduta, mas houve consciência de suas dificuldades e tentativas para superá-las. Isso fez com que pudesse escrever obras que alertavam outros sobre o melhor caminho para se tornar um ser humano com sabedoria e virtude.

## Palavras-chave

Sêneca, moral, ética, consciência, reflexão.



Duplicidad 2 (fragmento). Fotografía de Luis Amézquita

## ***La conciencia de Séneca sobre su incoherencia ético-moral***

### **Resumen**

- Mucho se especuló acerca de las enseñanzas y la conducta de Séneca, con la finalidad de saber si su práctica se armonizaba con su teoría. En la filosofía, ese proceso puede ser entendido por medio de la dinámica entre moral y ética. Con base en estos conceptos, el objetivo del artículo es analizar, mediante obras filosóficas senequianas, la conciencia de Séneca sobre su incoherencia ético-moral, en el intento de esclarecer las contradicciones que acompañaban su vida. Como objeto de investigación se encuentra la filosofía estoica de Séneca, experimentada a lo largo de su vida y registrada en sus obras. En lo que concierne a la metodología, se utilizaron los métodos hipotético-deductivo, el de investigación cualitativa y el de fuentes de datos e informaciones. Finalmente, como resultados se observó que Séneca, aunque sufría críticas con relación a la filosofía que predicaba y al estilo de vida que llevaba en algunos momentos, tuvo conciencia del deber de perfeccionarse para llegar a ser más sabio y virtuoso. No se acobardó escondiéndose de sus defectos; antes, pronunció abiertamente para concientizar, incluso aquellos que creían en su incolumidad en relación a su comportamiento ante la vida. Por lo tanto, no hubo incoherencia en su conducta, pero

hubo conciencia de sus dificultades e intentos para superarlas. Esto hizo que pudiera escribir obras que advertían a otros sobre el mejor camino para convertirse en un ser humano con sabiduría y virtud.

## Palabras clave

Sêneca, moral, ética, conciencia, reflexión.

## Introdução

A filosofia do estoicismo é definida por ter uma ética cujos princípios são a imperturbabilidade, a supressão das paixões e a aceitação resignada do destino. Esses preceitos estoicos são marcas basilares do ser humano sábio, este que é o único capaz de experimentar a verdadeira felicidade. O estoicismo foi dividido em três períodos: o antigo, o médio e o imperial. Embora haja variações dos elementos estoicos em cada período em que a filosofia estoica se insere, há, todavia, alguns indispensáveis fundamentos do pensamento estoico, como a lógica, a física e a ética. É mediante essa base que o estoicismo explica o divino, a natureza, as relações humanas e o caminho para a virtude plena.

Cada momento do estoicismo teve seus pensadores mais relevantes. Sêneca foi um deles no período do estoicismo imperial, que se formou em Roma. Desde cedo foi educado para a vida política, mas sempre teve vocação para a Filosofia e a Literatura. Viveu momentos difíceis quando esteve no exílio e quando vivenciou o final da última década do governo do imperador Nero. Este exigiu a morte de Sêneca, que se suicidou. Apesar de momentos perturbadores, deixou inúmeras obras sobre as ideias estoicas e o caminho para se chegar à virtude – e, conseqüentemente, à felicidade. Mostrou que, para isso, o ser humano deveria buscar a sabedoria humana e o autoconhecimento.

Em seus tratados filosóficos, aconselhou a maneira segunda a qual o indivíduo deveria comportar-se e relacionar-se consigo e com os semelhantes, de sorte que pudesse alcançar a felicidade integral. Houve, no entanto, muito questionamento entre os princípios que Sêneca expunha e a conduta que praticava. Um dos vícios que mais se contestou em Sêneca foi o da riqueza. Argumentava-se que, malgrado falasse de simplicidade, vivia no luxo. Essa cons-



tatação, se realizada de forma rápida e imprudente, pode não só desvalorizar os tratados filosóficos produzidos por Sêneca, mas também depreciar seu esforço para alcançar a virtude.

Demonstrou, ademais, que, embora tivera dificuldades para administrar as inclinações negativas —desviadoras da virtude—, esteve consciente dos seus defeitos, com a finalidade de utilizá-los como impulso para seu melhoramento pessoal e de seus semelhantes. Ao ser ciente da posição ético-moral em que se encontrava, Sêneca inicia a jornada em busca da virtude. Para demonstrar esse percurso neste artigo, abordar-se-á primeiramente o que foi o estoicismo. Em seguida, apresentar-se-ão trechos da biografia e das obras senequianas. Por fim, analisar-se-á a questão da consciência de Sêneca de sua incoerência ético-moral.

## O estoicismo

O estoicismo foi uma das mais influentes Escolas helenísticas de filosofia, com expressivo número de adeptos, permanecendo como tradição intelectual ao longo do tempo. Iniciou-se por volta de 300 a.C., período em que Zenão de Cítio fundou a Escola estoica em Atenas. Zenão, que era de Chipre, não podia adquirir terras atenienses por não ser autóctone da região. Assim, ministrou aulas em locais públicos de Atenas, sendo o pórtico (Estoá) o lugar mais comumente utilizado para as reuniões. Foi em função desse espaço utilizado por Zenão e seus seguidores que estes ficaram conhecidos como filósofos do pórtico ou filósofos estoicos (Reale-Antiseri, 1990).

Marcondes (2010) assevera que a filosofia estoica se organizava sistematicamente mediante a lógica, a física e a *ética*. A metáfora da árvore explica de que modo esses três elementos se relacionam: a física seria a raiz, a lógica o tronco e a ética os frutos. A dinâmica dos fatores que constituem o estoicismo é causal, o que faz da ética estoica resultado da física e da lógica – conceitos que serão trabalhados posteriormente neste artigo. Além disso, para os estoicos, o ser humano é parte da natureza, ou seja, do universo. Uma conduta ética que almeje a felicidade deve fundamentar-se nos princípios naturais, de sorte que o indivíduo se equilibre consoante a harmonia do cosmo ou do universo. Assim, a ação conforme a natureza é, na esfera ética, uma boa ação, que, em regra, baseia-se nas seguintes virtudes: inteligência, coragem e justiça.

A ênfase na concepção natural das ações ensejava determinismo ético. Não obstante o ser humano devesse resignar-se com os acontecimentos predeterminados, isso não o facultava à letargia. O ser humano tinha o dever de se aproximar da vontade divina. Para que isso se efetivasse, dever-se-ia conhecer suficientemente a sabedoria humana para tornar-se virtuoso. Nesse sentido, quanto mais sábio, mais naturalmente entendia-se que o cumprimento do destino predeterminado significava o verdadeiro encontro com a paz e a felicidade (Vito, 2011). Marcondes ainda ressalta que:

Para o estoicismo, a felicidade (*eudaimonia*) consiste na tranquilidade (*ataraxia*), ou ausência de perturbação. Alcançamos esse estado através do autocontrole, da contenção e da austeridade, aceitando o curso dos acontecimentos. Porém, só o sábio perfeito é capaz disso, e tal perfeição é difícilíssima de se atingir, embora devamos almejá-la e buscá-la (Marcondes, 2010: 92).

Com o escopo de aproximar-se da vontade divina, os estoicos deveriam evitar inclinações desviadoras, como o prazer corporal, o luxo, o vício, as paixões e a riqueza. O distanciamento dos desejos e das paixões mundanas não era, porém, suficiente para o contato com o divino. O verdadeiro estoico deveria somente testemunhar e constatar a morte, sem medo, sem receio e sem queixas. A morte seria mais um fenômeno da existência, integrando o ciclo da vida que age de maneira justa e lógica. A sincronia com o divino originava-se da virtude, que era alcançada pela sabedoria humana. Assim, todo vício que não se harmonizava com a vontade divina tinha de ser evitado (Vito, 2011). Sêneca, destarte, aclarou os princípios estoicos ao dizer que a virtude é o principal atributo para felicidade, sendo um sábio imune ao infortúnio.

Os conceitos até agora apresentados expõem, de modo geral, o cerne do pensamento estoico. Há, no entanto, variações acerca de alguns entendimentos sobre a maneira como esses conceitos são usados ao longo da história do estoicismo. Cabe, portanto, analisar, concomitantemente, a periodização da história e os elementos da filosofia estoica para compreender o desenvolvimento dos preceitos da Escola de Zenão.



### *A história e os elementos filosóficos*

Os estudiosos da história da filosofia, de acordo com Reale e Antiseri (1990), dividem, histórica e cronologicamente, o estoicismo em antigo, médio e imperial. O estoicismo antigo-surgido na Grécia-teve como principais arautos Zenão de Cítio (332-262 a.C.), Cleantes de Assos (331-232 a.C.) e Crísipo de Solis (280-206 a.C.). Foi nesse período em que a filosofia estoica constituiu-se como um sistema completo, alcançando seu auge. À época da morte de Crísipo, o estoicismo foi, doravante, perdendo paulatinamente seu prestígio em Atenas.

O estoicismo médio —predominantemente grego— teve como expoentes Panécio de Rhodes (185-129 a.C.) e Possidônio de Apanca (c. 135-51 a.C.). Panécio inovou ao introduzir algumas ideias de outros filósofos no pensamento estoico, reavivando o estoicismo, após o período de declínio. Possidônio, pupilo de Panécio, expandiu as ideias estoicas ao fundar uma Escola em Rhodes, cidade grega. O estoicismo imperial —já predominantemente romano— foi articulado por Sêneca (1 a.C.-65 d.C.) e Marco Aurélio (121-180 d.C.) ao enfatizarem, sobremaneira, a ética do estoicismo e a concepção humanística, no que concerne à ataraxia, à indiferença (*apatheia*) e ao autocontrole.

Após o período do estoicismo imperial, a Escola estoica entrou em franco declínio, visto que não houve perpetuadores relevantes para continuar a disseminar a doutrina. Ademais, os elementos da filosofia do estoicismo não só se amalgamaram com a filosofia platônica, como também influenciaram profundamente na formação do cristianismo, em virtude dos princípios estoicos como o determinismo, o autocontrole, a submissão e a austeridade (Marcondes, 2010). Malgrado tenha perdido seu caráter institucional ao longo do tempo, o pensamento estoico continuou a influenciar posteriormente as ideias filosóficas ocidentais.

### *A lógica, a física e a ética*

Como a lógica, a física e a ética são as bases do estoicismo, é importante conhecer o significado de cada conceito. Para isso, analisar-se-ão os conceitos à época do estoicismo antigo, do médio e do imperial. Esse exame proporcionará melhor esclarecimento da absorção dos princípios estoicos por Sêneca (que será subsequentemente objeto de análise) e dos seus propósitos, quando da execução de seus textos.

No estoicismo antigo, a lógica proporcionava um critério de verdade, e o sentir (sensação) era o início para se obter o conhecimento, porquanto a sensação se baseava na impressão que se obtinha do contato com os objetos mediante os sentidos humanos. É a partir dos sentidos que as impressões chegam à alma, resultando na representação. Para que se tenha uma representação veritativa,<sup>1</sup> entretanto, não se pode somente sentir; deve-se, também, ter a aquiescência da razão (*logos*), que provém da alma. Malgrado as impressões recebidas dos objetos sejam alheias ao sujeito, é este que determina a ação e o comportamento diante das impressões e representações, aquiescendo ou não por meio da razão. É, por fim, com essa anuência que se alcança a apreensão (*katálepsis*), e a representação que obteve do assentimento se torna a representação catalética, formando o único parâmetro da verdade (Reale-Antiseri, 1990).

No que concerne à física do estoicismo antigo, esta é, segundo Reale e Antiseri (1990), semelhante ao materialismo monista<sup>2</sup> e panteísta.<sup>3</sup> Assim,

o ser, dizem os estoicos, é só aquilo que tem a capacidade de agir e sofrer. Mas este é apenas o corpo: “ser e corpo são idênticos” é, portanto, a sua conclusão. Corpóreos são também as virtudes e corpóreos os vícios, o bem e a verdade. Esse materialismo, embora tome a forma do mecanicismo pluralista atomista, como nos epicuristas, configura-se num sentido hilemórfico,<sup>4</sup> como hilezoísta e monista (Reale-Antiseri, 1990: 128).

- <sup>1</sup> Em geral, um domínio veritativo significa o conjunto de valores veritativos utilizados pelos significados de certo sistema lógico. Na lógica clássica, o domínio veritativo, é a coleção constituída pelos adjetivos “verdadeiro” e “falso”. Isso significa que se analisa a condição de verdade de uma frase – os valores veritativos comumente usados para uma frase são verdadeiro e falso (Koch, 2012).
- <sup>2</sup> O materialismo monista refere-se a uma classe de materialismo que explica o mundo físico, ao asseverar que todos os objetos são formados por uma única substância. Isso significa que há apenas um tipo de realidade no mundo – a realidade material (Abbagnano, 1998).
- <sup>3</sup> O panteísmo concerne à convicção de que tudo e todas as coisas integram somente um Deus onisciente, onipotente e onipresente. Assim, o Universo e Deus são iguais (Abbagnano, 1998).
- <sup>4</sup> Doutrina aristotélico-tomista segundo a qual todos os corpos constituem o resultado de dois princípios distintos, mas absolutamente complementares: a matéria (*helé*) e a forma (*morphé*); a matéria sendo aquilo de que a coisa é feita (pedra, madeira etcétera), e a forma que faz com que a coisa seja isto ou aquilo (acidental ou substancialmente). A matéria e a forma são, respectivamente, as fontes das propriedades quantitativas dos corpos e de suas propriedades qualitativas (Japiassú; Marcondes, 2001: 92).



Para os estoicos, os princípios passivo e ativo regem o universo, ao ser o primeiro a matéria e o segundo a forma. Além disso, esses fundamentos são indissociáveis um do outro e a forma é o *logos*, a razão divina. Isso significa que “o princípio passivo é a substância sem qualidade, a matéria; o princípio ativo é a razão na matéria, isto é, Deus. [...] Deus penetra em toda realidade e que ora é inteligência, ora alma, ora natureza” (Reale; Antiseri, 1990: 257). Embora o mundo e tudo que está no mundo se originem de uma “matéria-substrato qualificada” por meio do *logos* imanente, esta consegue distinguir-se nas inúmeras coisas, em função de seu caráter seminal apta a produzir constantemente. Desse modo, o universo é como um enorme organismo vivo, cujas partes e cujo o todo se ajustam e se complementam. Deus é, portanto, indissociável da matéria, sendo e residindo em tudo.

Os estoicos definem a física com uma formulação finalística. “[...] Se todas as coisas sem exceção são produzidas pelo princípio divino imanente, [...] tudo é rigorosa e profundamente racional, [...] então, o conjunto de todas as coisas é perfeito (Reale; Antiseri, 1990: 259). Por fim, acreditavam que o mundo se movia em um ciclo, cuja dinâmica é de contínua e eterna destruição e renascimento, em que tudo renascerá da mesma forma como antes da destruição.

No tocante ao estoicismo antigo, a ética é o elemento axial entre os princípios que compõem as ideias estoicas. De acordo com os estoicos, o mais expressivo propósito da vida é ser feliz, o que se pode obter somente por intermédio da natureza. De modo que se alcance a felicidade, o indivíduo deve observar-se, apropriando-se do próprio ser e conciliando-se com seu ser. É apoiado nesse processo que se decorre o princípio da ética. Conforme observa Reale e Antiseri (1990), esse princípio manifesta-se de três formas: nos vegetais é inconsciente, nos animais é instintivo ou impulsivo e nos humanos é impulso instintivo, susceptível ao escrutínio da razão (*logos* ou natureza). Portar-se consoante a natureza é apropriar-se de si, pois o ser humano é racional —beneficiado em razão do *logos* manifestar-se em si—, capaz de conciliar-se com o seu ser. Assim, qualquer elemento que o desvie de harmonizar-se com seu ser é nocivo, como o vício; e tudo aquilo que o faz convergir com a natureza é benéfico, como a virtude.



A ética estoica, porém, tende a negar a qualificação bem e mal (benefício e nocividade), já que o bem e o mal não são úteis ao corpo e à natureza biológica. “[...] Bem e mal são somente aquilo que é útil e aquilo que é pernicioso ao *logos*, portanto, só o bem e o mal moral”. A conduta do ser humano de acordo com a função do *logos* é ações moralmente perfeitas, ao passo que a que está em desacordo é ações viciosas ou erros morais. O que é nocivo, ou não, ao corpo torna-se, portanto, indiferente —ou moralmente indiferente—, como a riqueza, a beleza, a morte e a pobreza (Reale; Antiseri, 1990). Essa indiferença norteia a conduta dos estoicos, colocando-os, no plano material, acima do bem e do mal e convencendo-os de que a felicidade poderia ser atingida a despeito de eventos externos.

Os estoicos, por fim, inovaram acerca das institucionalizações da nobreza de sangue e da escravidão. Defendiam que todos os indivíduos e povos eram aptos a se tornarem virtuosos, por meio do aprimoramento da sabedoria humana. Declaravam que todo ser humano é naturalmente livre. Outro ponto relevante do estoicismo é a apatia. Consideravam que as paixões não deveriam ser objeto de controle e limitação; deveriam, todavia, ser completamente suprimidas. A felicidade encontrar-se-ia inteiramente na ataraxia, tornando-o inumano e ausente das relações humanas alheio à vida.

O médio estoicismo apresentou algumas mudanças em relação ao estoicismo antigo. Reale e Antiseri (1990) explica que se alijou a noção de conflagração cósmica, adotando a percepção de eternidade do mundo. Além disso, a ideia de que a virtude era suficiente para a felicidade foi modificada. A virtude é essencial para a felicidade, conquanto se preze pela saúde, pelo pecúlio e pela vivacidade. E, ainda, Panécio e Possidônio, como representantes do médio estoicismo, não só condenaram a apatia, como também acreditavam que a filosofia estoica não encerrava a verdade universal, aceitando ideias diversas de outras escolas, como as influências platônica e aristotélica. Isso, contudo, não desvirtuou as bases capitais do estoicismo.

Finalmente, o estoicismo imperial, que teve em Roma seu último ímpeto como escola filosófica institucionalizada, adquiriu aspectos assaz idiossincráticos, tornando-se a filosofia com mais adeptos entre os romanos. Primeiro, a diligência pela ética, em re-



lação ao período do estoicismo médio, passou a ser predominante; o interesse pela lógica e pela física reduziu; a busca pela introspecção e interioridade da consciência tornou-se mais presente, devido ao enfraquecimento da relação do indivíduo com a sociedade e o Estado; o surgimento da inspiração religiosa modificou o aspecto espiritual do estoicismo, assemelhando-se bastante com os preceitos cristãos de perdão, amor ao próximo e compaixão; e o platonismo também atuou para que o conceito de filosofia (“assimilação a Deus”) e de vida moral (“imitação a Deus”) passasse a ter influência nas ações humanas.

Observa-se, desse modo, que embora o estoicismo tenha elementos que permaneçam atemporais e que são basilares para formação da filosofia estoica, não se pode negligenciar as adaptações que sofreu em função da conjuntura histórica que se inseria, sobretudo da região pela qual passou. Quando predominante na Grécia, preservou basicamente muito dos elementos que o originou, ao passo que quando esteve majoritariamente em Roma, absorveu novas características, não só devido ao contexto sociopolítico-cultural romano, mas também ao surgimento de outras filosofias, como o cristianismo. Sêneca, nesse sentido, foi exemplar em humanizar os ensinamentos estoicos e demonstrar as dificuldades de conciliar ética e moral, apesar de perseguir constantemente uma conduta que se alinhasse com a de um ser humano virtuoso e harmônico com a *logos*.

## A vida de Lucius Anneus Seneca

Sêneca nasceu aproximadamente no ano 1 a.C. e faleceu no ano 65 d.C. Nascido em Córdoba —Espanha—, filho de Hélvia Albina, mulher rica e de origem nobre, e de Marcus Lucius Anneus Seneca, professor de retórica, foi, desde cedo, introduzido ao estudo clássico por seu pai, que se preocupava com o êxito profissional de Sêneca. Este e sua família mudaram-se para Roma por volta do ano 16 d.C., ao acreditarem que seria no centro cultural romano que se poderia ascender socialmente. Em Roma, Sêneca estudou Gramática, Retórica e Filosofia, campos do conhecimento indispensáveis para a política (Vito, 2011).

De acordo com Vito (2011), Sêneca tinha o interesse de compreender as explicações filosóficas acerca da vida, mostrando-se possuidor de caráter investigativo e contemplativo. Envolveu-se com a filosofia pitagórica, cujos princípios adivinham da ideia de aproximação do divino para a evolução espiritual, à medida que se distanciava dos conflitos mundanos. Teve contanto com a doutrina cínica, em que se valoriza a simplicidade e a modéstia no que se refere aos objetos materiais. Recebeu também os ensinamentos da escola platônica que explicavam a ideia de estabelecer respeitosa e relações comunitárias fraternais. Foi, todavia, por intermédio da doutrina estoica que formulou e estabeleceu seus princípios éticos, com o fito de empenhar-se a viver moralmente a ética do estoicismo.

Aproximadamente no ano 20 d.C., não só concluíra seus estudos, como também se preparara para a vida pública, a despeito de dividir seu tempo com os estudos de filosofia e os de política. Com o intuito de experimentar na prática os ensinamentos estoicos, restringiu sua alimentação, resultando em piora no seu estado de saúde, que já era comprometida em razão da asma e de outras enfermidades. Resolveu, assim, passar por volta de seis anos no Egito, sobretudo em Alexandria, para se recuperar fisicamente. Na região egípcia, aprofundou-se nos estudos sobre geografia e etnologia do Egito e da Índia, geologia, vida marítima e meteorologia. Foi, entretanto, para a produção da filosofia estoica que dedicou grande parte do seu tempo (Campbell, 2004).

Depois de estadia no Egito, retornou a Roma por volta do ano 31 d.C., no governo de Tibério. Ganhou destaque na vida política, em função dos atributos e dos conhecimentos que desenvolvera ao longo de sua vida, com vasto conhecimento em filosofia, direito, poesia e literatura, além da habilidade em oratória e retórica (Campbell, 2004). Aproximadamente no ano 34 d.C. Sêneca ocupou o cargo de questor (magistrado encarregado das finanças). No entanto, no ano 37 d.C., Sêneca começou a exercer cargo de prestígio no Senado romano como principal orador, provocando a inveja de Calígula, que governou entre 37 d.C. e 41 d.C.

Calígula foi assassinado no último ano de seu governo, deixando Tibério Cláudio como o sucessor. Em função da denúncia, feita por Sêneca, de adultério por parte de Messalina —esposa de Cláu-



dio—, esta acusou Sêneca de também ter cometido adultério com Júlia Livilla, sobrinha de Cláudio. A especulação era que a história foi inventada para que Sêneca pudesse ser retirado da vida política de Roma, visto que Messalina ambicionava conquistar e controlar o poder do governo romano. Foi baseado nesse episódio que Sêneca foi exilado na Ilha de Córsega entre os anos 41 d.C. e 49 d.C., período em que enfrentou, à distância, a morte do pai e da esposa (Campbell, 2004).

Sêneca voltou do exílio para Roma, no ano 49. d.C., depois que Cláudio descobriu as conspirações e as intenções de Messalina, condenando-a à morte. Posteriormente, Cláudio casou-se com Agripina, mulher ambiciosa que o convenceu a adotar o filho do seu primeiro casamento, Lúcio Domício Enobarbo, que foi mais tarde renomeado como Nero Cláudio César Augusto Germânico. Agripina foi fundamental para o retorno de Sêneca. Não só o ajudou a regressar do exílio, como também o ajudou a se tornar pretor de Roma e preceptor de Nero, juntamente com Sexto Afrânio Burro. Assim, Sêneca projetou-se novamente na vida política e renova a sua imagem pública (Vito, 2011).

No ano de 49 d.C., casou-se com Pompeia Paulina e, a partir de então, passou a ocupar-se com a educação e a conduta de Nero e a dedicar-se à filosofia e à elaboração de obras literárias. De acordo com Vito (2011), Sêneca instruiu Nero de modo que se tornasse um governante inspirado pelas ideias estoicas, conduzindo Roma com responsabilidade, sabedoria e benevolência. Nero assume o poder no ano 54 d.C., após o assassinato de Cláudio, e mantém Sêneca na sua posição política. No entanto, como Agripina almejava governar Roma por meio de Nero, não só mandou matar Cláudio como seu filho Britânico, que poderiam representar obstáculos a seus intentos. Isso implicou em comoção no Império. Sêneca e Burro afastaram-na da vida política e, como Nero não se importava muito com a condução do império, a política imperial foi basicamente formulada e norteadas por seus preceptores.

Não obstante se encontrasse à margem do poder, Agripina ainda se planejava para realizar novas manipulações. Nero, ao saber das conspirações assassinou Agripina, iniciando um dos períodos mais conturbados de Roma. Nero recrudescer seus atos irrespon-

sáveis, alijando-se mais da política; obtendo, porém, os resultados positivos da conduta do governo por Sêneca e Burro. No ano 63 d.C., todavia, Burro morreu envenenado, deixando Sêneca desacompanhado na administração do Império. Como Nero desviara-se paulatinamente dos ensinamentos de Sêneca, este resolveu afastar-se da vida palaciana. Embora houvesse, a princípio, restrições acerca do afastamento de Sêneca, Nero, posteriormente, concedeu-o. Assim, Sêneca mudou-se com sua esposa para uma casa no campo, a fim de ter uma vida simples e dedicada à filosofia e à escrita. Mesmo afastado da política, foi acusado de conspiração contra Nero. Este exigiu que Sêneca tirasse a própria vida e assim o fez, no ano 65 d.C. (Vito, 2011).

## As obras filosóficas de Lucius Anneus Sêneca

Segundo Cardoso (2003), não se pode conhecer com exatidão a data da composição dos trabalhos filosóficos de Sêneca. Pode-se asseverar, no entanto, que sua produção literária aumentou vertiginosamente no período próximo do seu falecimento. Cabe, portanto, passar pelas obras mais notáveis em que Sêneca se debruçou, sem, no entanto, esgotá-las neste estudo.

O tratado filosófico mais antigo que Sêneca escreveu foi *Sobre a Ira*, anterior a seu exílio na Ilha de Córsega. Nessa obra, o autor ainda mostra certa inabilidade com a escrita filosófica. Nesse tratado, compõe três livros, sendo o primeiro referente às manifestações de ira; o segundo demonstra que a ira é inútil e deve-se dominá-la mediante autocontrole; e o terceiro volta a assuntos já tratados em outros livros (Cardoso, 2003).

Do ano 40 d.C. até o ano 43 d.C., dedicou-se a produzir três *Consolações* – “texto retórico-filosófico dirigido a alguém que passa por uma situação difícil, com o propósito de confortar” (Cardoso, 2003:175). A primeira, *Consolação a Mária*, foi produzida anteriormente ao exílio. Sêneca tentava confortar uma mãe que recentemente perdera o filho, aconselhando-a administrar as sensações negativas. Ao longo da obra, temas como o sofrimento, a instabilidade e a vulnerabilidade são abordados e, ao final, Sêneca aborda a questão do repouso eterno da alma.



A segunda, *Consolação a Hélvia*, concerne à sua mãe. Essa obra foi escrita no momento em que Sêneca estava exilado. Ele descreve a Ilha de Córsega e lembra à mãe que momentos difíceis são foram enfrentados, devendo superá-los com coragem. A terceira, *Consolação a Políbio*, foi escrita para “um dos libertos de Cláudio”, no caso, Políbio. Nesse trabalho, Sêneca teve tom bajulador com o objetivo de pôr fim a seu exílio.

Com o retorno para Roma, continuou a escrever tratados, como o intitulado *Sobre a Brevidade da Vida*. Este, produzido aproximadamente no ano 49 d.C., alerta os indivíduos em relação à ausência de tempo para a autorreflexão e a introspecção, devido aos inúmeros afazeres das atividades cotidianas. Assim, demonstrou o valor do ócio para a evolução espiritual para que se alcançasse a virtude. A partir desse tratado, Sêneca anuncia o tratado que escreverá por volta do ano 62 d.C., *Sobre o Ócio* (Cardoso, 2003).

Em torno do ano 55 d.C., escreveu *Sobre a Clemência* dirigido a Nero. No texto, contém aspectos bajuladores enaltecendo a figura de Nero em meio a convulsão social da política romana. No final de sua vida pública, entre os anos 58 d.C. e 60 d.C., Sêneca dedicou-se a escrever alguns tratados que se complementam: *Sobre a Constância do Sábio*, em que mostra a conduta do sábio perante infortúnios; *Sobre a Vida Feliz*, em que se encontra o ideal de felicidade mediante a virtude; e *Sobre a Tranquilidade da Alma*, em que reflete acerca do autoconhecimento e da paz interior (Cardoso, 2003).

Por fim, conforme Cardoso (2003), entre os anos 63 d.C. e 65 d.C. já à parte da vida palaciana, produziu a obra *Sobre a Providência*, em que defende a ideia de uma Providência Divina; *Questões Naturais*, em que aborda o “sistema físico do mundo” à luz do estoicismo; e *Cartas a Lucílio*, em que expõe sua posição acerca da moral, ao convencer e convidar o indivíduo à auto-observação. Assim, Sêneca teve vasta produção literária, influenciando fortemente o pensamento filosófico ocidental. Houve, porém, críticas no tocante à conciliação de sua conduta ética, especialmente nos ensinamentos encontrados em suas obras, em relação à sua prática moral, ao questionar se Sêneca era um homem que vivia de acordo com aquilo que aconselhava.

## A consciência de Sêneca sobre sua incoerência ético-moral

Muito se especulou acerca dos ensinamentos e da conduta de Sêneca, com o intuito de saber se sua prática se harmonizava, de fato, com sua teoria. Na Filosofia, esse processo pode ser entendido por meio da dinâmica entre moral e ética. Baseado nesses conceitos, analisar-se-á, mediante obras filosóficas senequianas, a consciência do próprio Sêneca sobre sua incoerência ético-moral.

A análise transparente de si demonstrou que Sêneca, a despeito de admoestar acerca dos princípios estoicos de simplicidade e virtude, não se colocou em uma posição de mestre iluminado e virtuoso, visto que conhecia suas inclinações negativas e suas imperfeições, que o afastava, não raro, de materializar os valores ético-estoicos. Utilizou, no entanto, a ética estoica como princípio norteador de suas ações, de sorte que o hiato entre os preceitos éticos e as práticas morais fosse reduzido. Consciente das predisposições desviadoras da virtude, aconselhou a todos, e principalmente a si, a viverem sob a égide do estoicismo, de modo a se desvincular das paixões mundas, aprisionadoras da alma.

Para compreender melhor a análise de Sêneca à luz dos conceitos filosóficos, cabe, a princípio, explicar laconicamente os conceitos de moral e ética. Conforme *Abbagnano* (1998), a moral é um conjunto de regras aplicadas no dia a dia que são usadas paulatinamente pelos indivíduos. Essas regras norteiam as suas ações e decisões acerca do que é moral ou imoral, certo ou errado e bom ou mau. A ética é, por sua vez, um conjunto de conhecimentos advindos da investigação do comportamento humano, explicando —racional, científica e teoricamente— as regras morais. É uma reflexão sobre a moral. A ética não se resume, portanto, à moral, que é, em regra, compreendida como costume ou hábito; busca, porém, a fundamentação teórica para descobrir a melhor maneira de se conduzir moralmente na vida.

Com as definições feitas, pode-se compreender melhor como se encaixará a questão da contradição na análise da vida e das obras senequianas. Acusações feitas ao longo da história em relação ao estilo de vida de Sêneca levantaram questões sobre sua postura éti-



co-moral. Em função de ter tido longo contato com a vida palaciana, em que o luxo e a abundância predominavam, contemporâneos de Sêneca desacreditaram-no, uma vez que os ensinamentos senequianos recomendavam estilo de vida diametralmente oposto da do filósofo estoico. Possuiu riquezas, enalteceu o Imperador Nero e participou da opulência da Corte, especialmente pelo cargo público que ocupou. As acusações originaram-se, portanto, da contradição entre os preceitos ético-estoicos e as práticas morais de Sêneca.

O luxo em Sêneca, entretanto, não foi uma constante, na medida em que sua vida foi intermitentemente marcada por altos e baixos, ora ao lado do imperador, dedicando-se à vida pública, ora exilado ou apartado, à margem dos acontecimentos romanos. Nesse sentido, com o intuito de resguardar-se das acusações, em seu tratado *Sobre a Tranquilidade da Alma*, escreveu o seguinte:

Responderei logo às críticas e acusações que me fazes. Além disso, vou fazer mais objeções do que imaginas. Agora te responderei isto: “Eu não sou um sábio e, para que tua malevolência se regozije, acrescento, nunca serei”. É por isso que não exijo ser igual aos melhores, apenas melhor que os maus. Basta-me que, a cada dia, eu corte um pouco os meus vícios e castigue os meus erros (Sêneca, *Da Tranquilidade da Alma*, XVIII).

Uma leitura rápida e pouco reflexiva desse excerto pode induzir a conclusões precipitadas em relação ao seu comportamento. Ao escrever que não é um sábio, pode parecer uma maneira de esconder-se de sua eventual incoerência ético-moral, distanciando-se da responsabilidade da prática filosófica com a qual se coadunava, em virtude das dificuldades de desvincular-se dos desejos mundanos e assumir, por completo, as práticas virtuosas. Ademais, pode parecer também que Sêneca, apesar de não se considerar sábio, aproveitava-se desse epíteto para posicionar-se como homem público na sociedade romana.

Outro fragmento do tratado *Sobre a Tranquilidade da Alma* que pode suscitar confusões é o seguinte:

Podes dizer: “Falas de uma maneira e ages de outra”. Essas mesmas censuras, ó espíritos malignos e agressivos, contra indivíduos de virtudes, também foram feitas a Platão, Epicuro e Zenão. Eles também não procuravam apregoar o modo como



viviam e, sim, o modo como se deveria viver. [...] Quando falo contra os vícios, estou reprovando, em primeiro lugar, os meus. Portanto, se for possível, procurarei viver corretamente [...] Não será a malignidade venenosa a me afastar dos meus objetivos, nem esse veneno, que é jogado sobre os outros, vai me impedir de elogiar não a vida que eu levo e, sim, a que deveria levar (Sêneca, Da Tranquilidade da Alma, XVIII).

Sêneca, entretanto, não escondeu as dificuldades em efetivar os princípios éticos em relação às práticas morais. É cômico ao dizer que não é sábio, porquanto compreende que para ser sábio tem de tornar-se inteiramente virtuoso, entendendo que ainda falta virtude em si para tanto. Assim, reconheceu em qual lugar se encontrava no processo da evolução ético-moral humana. Essa situação pode aludir ao semelhante processo de autorreflexão de Sócrates, quando o Oráculo de Delfos esclareceu que Sócrates era o ser humano mais sábio, e este sabendo que ainda precisaria de aprender muito sobre si e sobre o mundo a sua volta, mesmo sendo, na realidade, detentor de muita sabedoria, declarou o seguinte: “só sei que nada sei”. Isso mostra que Sócrates era consciente de suas limitações porque as conhecia, ou seja, conhecia a si, *a priori*. Poucos realizavam essa constatação socrática, permanecendo na sombra da ignorância e na falsa impressão de que já detinha todo o conhecimento da verdade.

Ao reconhecer as próprias limitações, Sêneca, como Sócrates, trabalhou em si um atributo basilar no âmbito da virtude: o autoconhecimento. Não se colocou em uma posição que não o pertencia, a do sábio virtuoso. Disse que não é igual aos melhores, bastando ser melhor que os piores. Isso mostra uma relação assaz verdadeira consigo, ao compreender conscientemente suas dificuldades e seus desafios, mas jamais enaltecendo o que não é próprio da virtude. Ao falar da busca pela virtude, Sêneca, em seu tratado *Sobre a Vida Feliz*, expressou o seguinte:

Gallione, irmão meu, todos os homens desejam a felicidade, mas nenhum consegue perceber o que faz a vida tornar-se feliz. É meta tão difícil de conseguir que, em se tomando o caminho errado, quanto maior a pressa, maior a distância do objetivo. Quando o caminho conduz à direção diversa, a velocidade amplia a distância. [...] Pergunta-me então porque busco a virtude: porque anseio algo superior ao absoluto. Queres saber o que pretendo



da virtude? Nada além da virtude. Mais que a virtude não posso ter, ela em si é um prêmio. Parece-te pouco? Quanto te digo: “O sumo bem está na firmeza de um amigo que não se abate; é previdência, grandeza, saúde moral, liberdade, harmonia, beleza”, exiges do semelhante que se orientem por valores mais amplos que este? Por que falar-me em prazer? Eu busco o bem do homem, não o do estômago, como é provável ocorrer nos animais e nas bestas incapazes (Sêneca, *Sobre a Vida Feliz*, I- IX).

A busca da virtude, baseada na filosofia estoica, foi uma constante na vida de Sêneca. A desmoralização da filosofia senequiana em consequência de seu comportamento ético-moral incongruente é relativamente leviana, já que Sêneca foi transparente, ao elucidar que entendia o processo para se torna virtuoso e conhecedor de si. No entanto, como qualquer indivíduo ávido por experimentar na prática esse caminho, lutou para superar suas tendências desviantes. Em seus tratados, não se contradisse, pois exibia seus desejos e suas paixões, sucumbindo-lhes, não raro; tentava, porém, ensinar aos indivíduos que o caminho da virtude seria resistindo as más inclinações. Não se pode pressupor, portanto, que não foi resiliente na batalha consigo, para a emancipação da alma por meio da sabedoria e da virtude.

Ao ausentar-se deliberadamente da vida pública para dedicar-se à vida espiritual, alguns anos antes de seu falecimento, demonstrou não se identificar com as atribuições e posições sociais, nem com o luxo e a opulência em que estava inserido. Isso contesta, por exemplo, a eventual acusação de que se aproveitava dos títulos e da sua posição de mestre virtuoso, uma vez que, para Sêneca, e consoante a busca pela ataraxia estoica, estar na riqueza, ou não, fazia nenhuma diferença. Isso significa que Sêneca, não se identificava com as coisas mundanas, não se deixava tomar pela necessidade da posse ou da propriedade e não pautava seus valores e princípios no que se tem, mas no que se é. Assim, para Sêneca, os problemas e os defeitos não se encontravam no exterior, no que estava fora; encontravam-se, antes, em si, no interior, na alma.

No tratado *Sobre a Vida Feliz*, explicou o seguinte:

O sábio não se considera, com efeito, indigno dos bens da fortuna: não ama as riquezas, mas prefere-as; não as acolhe em

**A consciência de Sêneca sobre su incoerência...** Estevan Bernardino Silva

seu coração, mas em sua casa; não rejeita de modo nenhum as que possui, mas domina-as e pretende que forneçam uma mais vasta matéria à sua virtude. [...] Em minha casa, se as riquezas desaparecessem, só se levaram a si próprias; tu ficarias mergulhado em estupor, e julgar-te-ias abandonado por ti próprio se elas se afastassem; em mim elas ocupam apenas algum lugar, enquanto em ti ocupa o lugar mais elevado; em conclusão, as riquezas pertencem-me e tu pertences à riqueza. Deixa, pois, de proibir o dinheiro aos filósofos: ninguém condenou a sabedoria à pobreza (Sêneca, Sobre a Vida Feliz, I- XXI).

O que se observa é que Sêneca se encontrava em processo de formação. Das dificuldades em relação a seus problemas de saúde, do período solitário no exílio, das divergências com o posterior comportamento de Nero e do seu afastamento da política romana, Sêneca contemplou, constante e sucessivamente, suas transgressões ético-morais, a fim de entendê-las e compreender a melhor maneira de torna-se virtuoso. Escrevia suas obras para mostrar o ser humano ideal, de modo que todos que entrassem em contato com suas ideias, tivessem a possibilidade de evolução espiritual. Acreditava que todos, desde escravos até governantes, tinham as potencialidades para burilar a alma. Dessa maneira, embora encontrasse obstáculos para a virtude integral, não teve postura letárgica ao reconhecer suas deficiências, muito menos posições filosóficas estáticas. Ao contrário, enfrentou suas más tendências no decorrer da sua vida, seja nos momentos de dificuldades, seja nas circunstâncias de mais estabilidade, e admitiu aperfeiçoamentos em seus preceitos, sobretudo em relação à riqueza elemento que trouxera muita discórdia para Sêneca.

Com o passar do tempo, reconheceu que, não obstante detivesse riquezas, mesmo estas não o detendo, a riqueza era provavelmente um elemento que dificultava e trazia morosidade para aquele cujo objetivo era se tornar virtuoso. Isso pode ser observado em sua obra *Cartas a Lucílio*, em que critica com mais convicção o uso da propriedade privada, fundamentado na dicotomia entre o supérfluo e o indispensável. Esclareceu que:

um cofre vale pelo que tem dentro, melhor dizendo, o cofre é um mero acessório do conteúdo. Imaginemos um saco cheio de



dinheiro: que outro valor atribuímos além do valor das moedas nele contidas? O mesmo se verifica com os donos de grandes patrimônios: não passam de simples acessórios, de suplementos. A razão de o sábio ser grande reside na grande alma que possui (Sêneca, Cartas a Lucílio, 87,18).

A crítica senequiana também diz respeito à coisificação, isto é, a redução do ser humano, ou elementos ligados a ele, a valores exclusivamente materiais. É prudente ter a posse do objeto, mais jamais sê-lo. O objeto está ali, inanimado, inativo e inerte. Nele não há valores, nem julgamentos. O mal que o objeto pode vir a se tornar é, portanto, reflexo do mal interior do indivíduo, da inaptidão em utilizar os elementos exteriores para usufruto próprio. Isso implica que o objeto se torna o indivíduo que o possui. É esse processo que Sêneca condena, salientando que para não entrar nesse movimento de identificação, o ser humano deve tornar-se virtuoso, ao utilizar a sabedoria. Corroborou que

o vício não está nas coisas, está na própria alma. o mesmo defeito que nos faz achar insuportável a pobreza faz com que achemos a riqueza insuportável! podes deitar um enfermo em um leito de madeira ou num leito de ouro, não há alteração, pois para onde quer que o leves ele levará consigo sua enfermidade; do mesmo modo nada se altera se uma alma doente viver na riqueza ou na pobreza: o seu vício seguiu-la-á sempre (Sêneca, Cartas a Lucílio, 17, 12).

Observou, por conseguinte, que o luxo e a riqueza estimulam no indivíduo as tendências desviantes. Isso significa que a opulência mais tem a prejudicar que a contribuir para a evolução da alma, já que corrompe a realização dos objetivos mais importantes para o alcance da virtude. Nesse sentido, o indivíduo é absorvido pela existência, pelos objetos e pelas funções do cotidiano, desviando-se da busca pelo aperfeiçoamento ético-moral.

O tempo para o indivíduo, tomado pelas atividades do dia a dia, não é seu; é, todavia, dos objetos que o possui, da função laboral que exerce e da posição social que se encontra. Esse indivíduo vive pelos objetos e para as atividades mundanas, em vez de usar esses objetos e essas atividades para ter uma vida mais sábia e virtuosa. Acaba tornando-se prisioneiro de seus desejos e de suas

paixões. Assim, uma vez que o vínculo com as coisas externas seja tão poderoso, se as perde, perde-se também a si. Desse decurso, ou resulta-se na aniquilação completa desse indivíduo, em função de não se reconhecer sem os objetos e as atividades que o possui, ou, a partir do choque de se observar sem nada, constata-se que é no “não possuir” que melhor se pode trabalhar a virtude.

Assim, explicou, já mais velho e sábio, que a riqueza leva ao mal

não porque ela em si a provoque, mas porque dá azo a que outros o façam. De fato, uma coisa é a causa eficiente – que necessariamente produz desde logo o mal –, outra é a causa antecedente. A riqueza funciona como causa antecedente: sobe-nos à cabeça, gera o orgulho, desperta a inveja e de tal modo nos perturba a razão que, mesmo sabendo os inconvenientes de ter fama de rico, nem assim desistimos de a ter (Sêneca, Cartas a Lucílio, 87, 31).

Sêneca não negava a dificuldade em controlar desejos e paixões, que desviavam o ser humano dos designios do *logos*; declarava-se, assim, um não sábio, em virtude de seu esclarecimento pessoal ser incompleto e susceptível a inclinações desviantes. Apontou que

devemos evitar o máximo possível tudo o que possa excitar os nossos vícios [...]. A nossa vida também é um combate, é uma expedição guerreira em que nunca nos podemos entregar ao repouso e ao lazer. Primeiro que tudo devemos derrotar os prazeres que, como vês, são capazes de dominar mesmo os ânimos mais duros. Quem tiver a noção do esforço exigido pela vida da sabedoria compreenderá que esta luta não se vence através da sensualidade e da moleza (Sêneca, Cartas a Lucílio, 51, 4-6).

Fundamentada sobretudo no estoicismo e com o intuito de buscar o equilíbrio do ser e o autoconhecimento, Sêneca foi cômico de suas dificuldades ético-morais. A meditação que fez acerca das dificuldades em reconhecer e tentar suprimir seus defeitos já é um ato sábio para se alcançar a virtude. Sêneca compreendia que deveria ir ao limbo do seu ser, analisar-se impiedosamente para observar quem, de fato, era e quem poderia tornar-se. Ao realizar essa análise interior, não escondia as suas falhas de si, permanecendo constantemente disposto a investigá-las.



Sêneca humanizou a busca pela virtude, ao demonstrar que o processo para se tornar sábio é tortuoso, susceptível a altos e baixos e a erros e acertos, mas em uma progressão evolutiva, sem retrocessos. A posição social que ocupava, os bens que tinha e a saúde frágil foram elementos que testaram sua ética estoica em relação à sua prática moral. Ora titubeando, ora estabilizando-se, prosseguiu no caminho em que o ser humano evolui. Embora sofrera acusações pelas riquezas e pela proximidade com a vida palaciana, foi frequentemente sóbrio acerca do que se necessitava para construir uma vida equilibrada.

Sentia a dor do progresso ético-moral, ao expor-se como homem político, pois tinha de lidar com as atribuições —muitas vezes contrárias aos ensinamentos do estoicismo— do cargo que exercia, ao mesmo tempo que se resguardava como homem filósofo, manifestando-se moralmente mediante suas obras. Não se pode descreditar um filósofo por inclinações desviantes, uma vez que este admitiu as próprias dificuldades e as utilizou não só para burilar-se, como também para esclarecer a todos sobre os percalços encontrados no afã da evolução espiritual.

Sêneca contribuiu para o enriquecimento filosófico sobre ética, moral, sabedoria, virtude e autoconhecimento. Essa contribuição foi importante para sua época e para a posteridade, tornando-se literatura clássica, devido à atemporalidade de suas obras. Assim, o estoicismo senequiano tornou-se contemporâneo, pois compreender conscientemente a incoerência, que perpassa a conduta ético-moral humana, é o primeiro movimento para que se forme um ser virtuoso, de acordo com os princípios estoicos. É fundamentado nessa contemplação consciente de si que Sêneca pôde contribuir para a verdadeira constituição da virtude estoica no ser humano.

## Considerações finais

Sêneca foi claro em mostrar suas dificuldades para superar os vícios e as paixões materiais, que tanto desviam o indivíduo do encontro com o divino. Tal complexidade é observada naqueles que almejam a virtude, não sendo um filósofo, bem instruído e esclarecido, isento das convulsões que os desejos mundanos geram quando se deparam com o rigor disciplinar do espírito e da alma.

Sofreu acusações de não aplicar nas práticas morais seus princípios éticos, especialmente aqueles referentes à simplicidade. Se, entretanto, não escrevesse e não se dedicasse à difusão das ideias da filosofia estoica, possivelmente acusações não sofreria, pois sua conduta não teria referencial ético para ser comparada. Nota-se que não teve receio de almejar grande, ao escrever sobre a evolução espiritual por meio da rígida conduta estoica de auto-observação e usá-la como referência para seu comportamento cotidiano, mesmo permanecendo susceptível a críticas e julgamentos.

Pode-se inferir que Sêneca não se acovardou, escondendo-se de seus defeitos; antes, pronunciou-os abertamente para conscientizar, até mesmo aqueles que acreditavam na sua incolumidade em relação ao seu comportamento diante da vida, que bastava querer encontrar o caminho em que o indivíduo evolui para se deparar com as adversidades mais íntimas. O trabalho senequiano é, portanto, indispensável para o pensamento filosófico ocidental, ao contemplar conscientemente seus desafios e, a partir dessa reflexão, procurar amainar as paixões que circunscrevem a alma.

## Referências consultadas

- Abbagnano, N. (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. Acesso em: 11 out. 2017. Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>.
- Campbell, R. (2004). *Seneca: Lettres from a Stoic*. London: Penguin Group.
- Cardoso, Zélia de Almeida. (2003). *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes.
- García-Borrón, J. (1956). *Séneca y los estoicos*. Barcelona: Graficas Marinas.
- García-Borrón, J. (1966). El senequismo español. In: *Estudios sobre Séneca*. Octava semana española de Filosofía. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Luis Vives y Sociedad Española de Filosofía.
- Japiassú, H.; Marcondes, D. (2001). *Dicionário Básico de Filosofia*. 3° Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Acesso em: 04 dez. 2017. Disponível em: [http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf).
- Koch, Anton F. (2012). Ser Veritativo e Ser Temporal. Ceará: Argumentos. *Revista de Filosofia*, 4 (7).
- Marcondes, D. (2010). *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 13° Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Reale, G.; Antiseri, D. (1990). *História da filosofia*. Volume I: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus.

**Interpretextos**

22/Otoño de 2019, pp. 131-154

Sêneca (2009). *Da tranquilidade da alma*. Tradução de Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM.

Sêneca (2005). *Sobre a vida feliz*. São Paulo: Nova Alexandria.

Sêneca (1991). *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vito, R. Vasconcelos. (2011). *The Senecan Stoicism: Man's Moral Formation and Educative Practice in Contemporaneity*. 108f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: José Joaquim Pereira Melo. Maringá.

**Recepción:** Mayo 12 de 2018

**Aceptación:** Septiembre 25 de 2018

**Stevan Bernardino Silva**

**Correio Eletrônico:** stevanbsd@gmail.com

Brasileiro. Graduação: Ensino superior completo (Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação – ESAMC; Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ejerce como Profesor em Escola Park Idiomas. Últimas publicações: Barrozo, R. P.; Silva, S. B.; Paluma, T. O Brasil e o sistema interamericano de direitos humanos: de nogueira de carvalho à guerrilha do araguaia. *Revista Jurídica (FIC)*, v. 4, p. 335-358, 2014. Y García, C.; Silva, S. B. Competição tecnológica: estudo das terminologias, dos conceitos e dos casos. *Revista Horizonte Científico*, v. 11, No. 1, 2017.